

23 de Março 2020
Segunda-feira
Semanário - Ano 5
Nº 201
Director-Geral
Evaristo Mulaza



**Belas Shopping
factura USD 1
milhão**

Pág. 10

**Covid-19 exige
aumentos na
Saúde**

Pág. 5

**Matadouros
exigem energia
e água**

Pág. 12

ANGOLA E CHINA SÓ COM O PETRÓLEO

Trocas comerciais reduzidas a zero

COMÉRCIO. A crise provocada pela pandemia do novo coronavírus anulou as trocas comerciais chino-angolanas, fora do sector petrolífero. A confirmação é de Arnaldo Calado, presidente da CAC, que assegura a inexistência de qualquer fluxo comercial desde o início do ano. Pág. 14

EUROBONDS DE 3 MIL MILHÕES USD

Angola arrisca-se a taxas de 15%

PERSPECTIVAS.

Após as taxas de 8% e 9,175% conseguidas com a emissão de títulos nos mercados internacionais em finais do ano passado, a nova incursão pelos eurobonds autorizada por João Lourenço arriscará a taxas de juros próximas dos 15%. A estimativa é calculada pela deterioração do risco soberano, face à queda abrupta do preço do petróleo. O economista Alves da Rocha, que critica a contratação de novas dívidas, lembra que a operação implicará um peso no serviço da dívida.

Pág. 4

Mário Mujetes © A.E.

Ango Real despede 100

Dificuldades financeiras e operacionais levaram ao despedimento de pelo menos uma centena de trabalhadores da Ango Real, até ao fim do ano passado. E, segundo a transportadora, os cortes devem continuar ao longo de 2020, particularmente pelo atraso do Estado na liquidação de uma dívida de cinco milhões de dólares. Por enquanto 500 funcionários conservam os empregos. Pág. 8



PROCESSO DE RECAPITALIZAÇÃO EM FASE FINAL

Créditos no BPC regressam depois de Abril

BANCA. Passados mais de três anos de interrupção dos empréstimos, o BPC estima retomar a concessão de créditos logo a seguir ao mês de Abril, período em que deverá estar concluído o processo de recapitalização do maior banco público. Fonte da administração garante que o processo administrativo para a recapitalização está praticamente concluído, não estando “ainda claro” o montante a ser aplicado pelo Estado. Pág. 9

Editorial

CONTRA A COVID-19, NÃO À CRÍTICA

1. Antes de mais, um alerta aos entusiastas do acriticismo em época da Covid-19. O reconhecimento unânime da necessidade de encorajamento às medidas das autoridades não pode justificar o branqueamento dos erros cometidos ao longo da gestão da crise. Especialmente quando tenham ocorrido erros graves que se posicionam no limite da negligência e da irresponsabilidade.

Convenhamos: as incidências que vieram a público, na sequência da alvoroço no Aeroporto 4 de Fevereiro, protagonizado pelos passageiros que aterraram de Lisboa na quarta-feira, 18, em qualquer país sério levaria obrigatoriamente à queda de ministros. Ou à demissão de qualquer governante a qualquer nível, susceptível de ser directamente responsabilizado. E há uma explicação mais do que razoável para isso. Ao contrário de vários países da Ásia e da Europa, Angola não pode afirmar propriamente que tivesse sido apanhada desprevenida. Tanto não pode que, pelo menos até ao dia 18, o Governo deu garantias de que estava preparado para colocar em quarentena institucional os passageiros que chegassem dos países de elevado risco, incluindo Portugal. A explicação da incapacidade dos espaços de quarentena dada a posteriori foi por isso,

no mínimo, ridícula. Porque faz pressupor que o Governo fez promessas, desprovido de dados tão básicos quanto o número de passageiros que chegariam ao país a partir do dia em que as regras de prevenção foram agravadas.

O Governo teria outra oportunidade para provar que se tinha emendado, mas, outra vez, voltou a colocar os pés pelas mãos. Ao mandar, a certo momento, centenas de passageiros aterrados de Lisboa para o Calumbo sem antecipar as condições de acomodação, um dia depois de a ministra da Saúde ter oficializado os primeiros dois casos em Angola.

A frontalidade na identificação das falhas na gestão desta crise, através da crítica fundada, cumpre por isso vários propósitos. Destacamos dois. Primeiro, porque é crucial manter as autoridades alertas de que todo e qualquer empenho no sentido da solução da crise não vai além da responsabilidade mínima que qualquer governo assume perante os seus governa-

dos. Segundo, porque, perante crises como a que atravessamos, será obrigatório, no fim de contas, recapitular o processo e finalizá-lo com relatórios que identifiquem erros, acertos e responsabilidades.

2. Falhas e responsabilidades do Governo à parte, crises como a que vivemos são daquelas que deveriam apelar necessariamente para a razoabilidade, o bom senso e, porque não, o espírito de unidade e solidariedade. Não é isso o que infelizmente se verifica de parte significativa de comerciantes que fornecem materiais essenciais à prevenção da pandemia. Com doses excessivas de oportunismo criminoso, muitos comerciantes elevaram os preços de produtos como máscaras, álcool em gel e luvas ao limite do escândalo. Como quem consciente e afrontosamente tivesse escolhido colocar em risco milhares de vidas, em nome do lucro. É a falta de pudor estampada em letras garrafais nas vitrinas das farmácias e queijandos. Tenham vergonha.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral: Evaristo Mulaza
Directora-Geral Adjunta: Geralda Embaló

Editor Executivo: César Silveira
Redacção: Antunes Zongo, Isabel Dinis, Júlio Gomes e Suely de Melo
Fotografia: Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuesseca
Secretária de redacção: Rosa Ngola
Paginação: Edvandro Malungo, Francisco de Oliveira e João Vumbi

Revisores: Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló
Colaboradores: Cândido Mendes e Mário Paiva
Propriedade e Distribuição: GEM Angola Global Media, Lda
Tiragem: 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15
GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração: Geralda Embaló e Evaristo Mulaza
Assistente da Administração: Geovana Fernandes
Departamento Administrativo: Jessy Ferrão e Nelson Manuel

Departamento Comercial: Geovana Fernandes
Tel.: +244941784790-(1)-(2)
N° de Contribuinte: 5401180721
N° de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82
Endereço: Rua Fernão Mendes Pinto, n° 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones: +244 222 320510; 222 320511 Fax: 222 320514
E-mail: administracao@gem.co.ao; comercial@gem.co.ao

A semana

3 PERGUNTAS A...



Camila Silveira,

representante da Terra Brasil

Qual é o balanço de 2019 da Terra Brasi?

Em 2019, implantámos em Angola uma média de cinco mil pequenas fábricas que irão proporcionar produções nos pães, chinelos, gráficas e sacolas. Pessoas que, em 2018, eram desempregadas, tornaram-se empreendedores. Investiram a partir de 2,5 milhões de kwanzas e hoje têm negócio. Embora tenha sido um ano com variações económicas, posso titularizá-lo como o ano do despertar do empreendedorismo angolano.

Que equipamentos foram mais solicitados?

A parte de alimentos em que nos referimos às padarias. Proporcionam uma taxa de lucros média de 130% a partir de uma boa gestão e fazemos um trabalho intenso de especialização. Depois a parte de salgados, churros e festas. Os angolanos têm uma forma especial e feliz de manter as festas, sendo um ramo de intenso crescimento, tal como a parte gráfica.

Face ao exercício anterior, como foi 2019?

Uma média de 80% a mais de realizações de negócios referente ao ano interior, que atribuo também às alterações completas em metodologia de trabalhos da empresa e desenvolvimento no foco de não vender apenas máquinas, mas, além disso, proporcionar capacitação completa no profissionalismo dos clientes.

17 TERÇA - FEIRA

A consultora Capital Economics alerta que os bancos centrais da Nigéria e Angola, por serem os dois maiores produtores de petróleo da África subsaariana, podem ser obrigados a desvalorizar as moedas para manter as reservas externas.

18 QUARTA - FEIRA

O embaixador do Quênia em Angola, Josphat Maikara visita a província do Bengo para avaliar as potencialidades locais e identificar áreas passíveis de investimentos nos domínios do turismo, agricultura e aquicultura. E manifesta o interesse na importação de banana e pescado daquela província.

19 QUINTA - FEIRA

A empresa chinesa Hengye Electronics Industry Lda mostra-se interessada em investir mais de 20 milhões de dólares na instalação de uma fábrica de contadores de água e energia, na Zona Económica Especial (ZEE) Luanda-Bengo.



SEGUNDA-FEIRA O secretário do Presidente da República para o sector Produtivo, Isaac dos Anjos, reuniu-se com empresários do sector piscatório, do Tômbwa, Namibe, para avaliar o funcionamento do sector das pescas e questões relacionadas, entre outras, com a concessão de crédito e distribuição de meios de produção.

20 SEXTA - FEIRA

A Associação de Empresas de Comércio e Distribuição Moderna de Angola garante haver no país reservas alimentares suficientes para mais três meses sem necessidade de novas importações, isto nas áreas de tubérculos, frutas, ovos e hortícolas.



14 SÁBADO

O ministro da Economia e Planeamento, Sérgio Santos, anuncia que o país vai ressentir-se, a curto prazo, do abrandamento do crescimento da economia mundial e das trocas comerciais internacionais de forma imediata, devido à pandemia do



15 DOMINGO

No quadro do Programa de Repovoamento do Planalto de Camabatela, que abrange o Kwanza-Norte, Malanje e Uíge, as autoridades recebem mais de mil cabeças de gado bovino, provenientes do Chade no âmbito do pagamento de uma dívida.



COTAÇÃO



VERMELHO NA TERCEIRA SEMANA EUROPEIA...

O vermelho voltou a caracterizar as principais bolsas europeias no início desta semana, depois de já ter acontecido na semana de 16. Portanto, neste mês, a semana de 2 foi a mais positiva das bolsas europeias, visto que apenas a italiana e alemã iniciaram com saldo negativo das sete que compõem o cabaz das principais.



... PRINCIPAL ÍNDICE COM MAIOR QUEDA

O principal índice do velho continente, o FTSEurofirst 300 registou uma queda de 4,13%, enquanto o índice Financial Times, em Londres registou a segunda maior queda, 3,79%, seguindo-se o recuo de 3,32% do CAC-40, em Paris e o Ibex-35, em Madrid com queda de 3,31%.

Economia/Política

SEGUNDO ALVES DA ROCHA

Taxa de emissão do novo Eurobonds pode atingir os 15%

DÍVIDA. Governo prepara-se para ir ao mercado internacional em busca de 3 mil milhões de dólares, depois de, em finais do ano passado, ter emitido igual valor em duas parcelas com taxas de juro de 8% e 9,175%. Analista acredita que o sucesso da nova emissão estará muito dependente do “apetite de risco dos investidores”.

Por César Silveira

A taxa de juro para a emissão do título internacional recentemente autorizado pelo Presidente João Lourenço pode ser de entre 14% e 15%, segundo estimativa do economista Alves da Rocha, que critica a contracção de novas dívidas por parte do Governo.

“O preço do petróleo está nos 30 e 31 dólares e, na melhor das hipóteses, até 2021, poderá chegar aos 50 ou 55 dólares. Portanto, quem subscrever esta emissão de eurobonds terá de o fazer através de uma taxa de juro de entre 14 e 15% o que vai implicar, evidentemente, um peso do serviço da dívida quer nas despesas fiscais, quer nas despesas correntes”, argumentou.

As taxas estimadas representariam um aumento de até sete pontos percentuais comparativamente às taxas conseguidas na emissão de Novembro também no valor de 3 mil milhões de euros. Na ocasião, a emissão foi em duas parcelas, sendo uma com a taxa de 8,0% anos e outra com a taxa de 9,175%.

Por sua vez, sem estimar a taxa para a futura emissão, o analista Flávio Inocêncio considera que “este é o pior momento para emitir dívidas”. E considera haver “um risco grande de aumento das taxas de juro nessa nova emissão de Eurobonds e pode não haver tanta procura” como houve nas emissões passadas. “Tratando-se de dívida externa, creio que há vários factores a ter em conta. Há agora o risco de default (incumprimento) por parte do país, uma vez que há um colapso da principal fonte de receitas do país. Acresce-se a isto o facto de termos um rollover (renovação, priorização dos prazos de vencimento) de dívida e alocarmos cerca de 60% das receitas para pagar dívida”, explicou, acrescentando que “infelizmente, nesta fase de incerteza provo-



Alves da Rocha, economista

Histórico de Eurobonds emitidos por Angola			
Ano	Valor	Maturidade	Taxa juro
2015	1,5 mil milhões	10 anos	9,5%
2017	3 mil milhões (duas parcelas)	1ª (1,75 mil milhões) 10 anos 2ª (9,375 mil milhões) 30 anos	8,25% 9,375%
2018	3 mil milhões (duas parcelas)	1ª (1,75 mil milhões) 10 anos 2ª (1,25 mil milhões) 30 anos	8,00% 9,125%

cada pelo coronavírus esses factores todos pesam”.

Para o analista Flávio Inocêncio, “tudo vai depender do apetite de risco dos investidores” e a hipotética taxa de 14% e 15% ou é “proibitiva para uma economia com níveis

altos de endividamento e com um problema grave de dívida rolante”.

FMI SERIA UMA OPÇÃO MELHOR...

Para o analista, entre a emissão do título internacional e um novo

recurso ao FMI, a segunda opção “seria melhor”, visto que se conseguiriam taxas de juro muito mais baixas. “Como membros, temos Direitos Especiais de Saque (SDR) e podemos ir buscar financiamento com base nesse valor. O FMI já anunciou que vai ajudar os países em dificuldades e vai ter em conta a natureza excepcional desta crise”, observou.

Alves da Rocha critica o facto de o Estado estar a “endividar-se diariamente” e a “incapacidade” de definir prioridades. “Não sei como é que o Governo continua a endividar-se diariamente para financiar não sabemos bem o quê. Financiar o défice corrente? O défice de capital? Quando é que o Governo resolve finalmente fazer uma revisão ao pormenor dos seus gastos. Quando é que reduzirá o número de governadores e de ministros e de funcionários do Estado?”, questionou.

No despacho de 18 de Março, o Presidente da República autorizou a ministra das Finanças a emitir títulos de dívida soberana nos mercados internacionais sob forma de Eurobonds até ao montante de 3 mil milhões de dólares ou o equivalente em outras moedas no âmbito do Programa Global de Medio Prazo. João Lourenço justifica a decisão com a necessidade de cobertura dos encargos orçamentais no exercício económico de 2020. A concretizar-se será a quarta emissão de Angola depois das emitidas em 2015, no valor de 1,5 mil milhões e 2018 e 2019, estas duas no valor de 3 mil milhões de dólares cada uma.

MAIS DE 4.300 CONTADORES do sistema pré-pago de energia eléctrica foram vandalizados de Janeiro a presente data, no Lubango, tendo causado prejuízos avaliados em pouco mais de 30 milhões de kwanzas.

PARA FAZER FACE AO CORONAVÍRUS

Proposto aumento orçamental para a Saúde

OGE. Com despesa prevista de 15,9 biliões de kwanzas, programação financeira do OGE reserva cerca de 124,7 mil milhões à Saúde, considerados insuficientes para fazer face aos possíveis desafios impostos pela pandemia. Docente da Católica defende, entretanto, ser mais importante a renegociação da dívida.

Por Antunes Zongo

MEMORIZE

O professor Américo Quessongo manifesta-se a favor dos investimentos já feitos pelo Governo em matéria de prevenção do vírus, mas insiste na “urgência” da revisão do OGE devido aos “custos incalculáveis”.

A “alteração urgente” do Orçamento Geral do Estado (OGE), visando o aumento da dotação à saúde é o que defendem alguns observadores que se justificam com a necessidade de reforço da capacidade do Governo na implementação das medidas de prevenção da Covid-19, bem como a sua eventual propagação no país.

Para os analistas, a confirmação dos primeiros casos positivos “impõe claramente um reforço financeiro” para o sector, considerando a rápida disseminação do vírus como se tem verificado em outras geografias.

O gestor e professor Américo Quessongo manifesta-se a favor dos investimentos já

feitos pelo Governo em matéria de prevenção do vírus, mas insiste na “urgência” da revisão do OGE devido aos “custos incalculáveis”.

Adão Januário, consultor económico, corrobora com Américo Quessongo em matéria de revisão orçamental para o reforço do sector da saúde, considerando o actual montante “irrisório”, face aos desafios que se impõem. “É preciso perceber que, se o vírus se disseminar, o Governo terá de ter a capacidade para prestar assistência medicamentosa; criar mecanismo de distribuição de luvas, mascarar, além de outros utensílios. O Estado não



Mário Mujetes © VE

pode atribuir essa responsabilidade exclusiva às farmácias. Primeiro, porque as pessoas não têm dinheiro para tanto. Segundo, porque os próprios gestores de farmácias já estão sedentos para o aumento dos preços desses produtos de prevenção”, destaca Adão Januário.

Como consequência da pandemia, o consultor antevê

“dificuldades múltiplas” para a população, diante da quase “inexistente” diversificação da economia, numa altura em que se “registam poucas trocas comerciais” entre os países.

CONTRA A REVISÃO E FAVOR DE ESTÍMULOS FISCAIS

Entretanto, Carlos Vaz, docente

da Universidade Católica, manifesta-se contra a proposta de uma “revisão urgente” do OGE, sublinhando que ninguém ainda sabe o que pode vir a acontecer.

Ao invés de revisão orçamental para reforçar o sector da saúde, Carlos Vaz propõe a procura de renegociação da dívida com os credores, visando o mesmo objectivo.

Em caso de proliferação da Covid-19, apela o Governo a fazer recurso ao montante que o FMI tem disponível para apoiar os países vítimas do vírus, apesar de a medida representar mais dívidas para o país. “Não devemos olhar para um empréstimo dessa natureza como algo mau. Se podermos evitar que a doença se propague a custo de mais dívidas, não há problemas”, advoga.

No Orçamento Geral do Estado, em que estão previstas despesas de mais 15,9 biliões de kwanzas, mais de 124,7 mil milhões estão destinados ao sector da Saúde, dos quais 45,9 mil milhões previstos para os serviços de saúde pública e mais 37,6 mil milhões de kwanzas aos serviços hospitalares especializados.

ESTÍMULO PARA OS EMPRESÁRIOS

Por outro lado, o docente defende a criação de estímulos fiscais para diferentes sectores, sobretudo produtivos e o comércio, em caso de maior propagação do coronavírus.

A sugestão do economista vai ao encontro do que tem acontecido em alguns países. Em Portugal, por exemplo, o Governo criou uma linha de crédito no montante de 100 milhões de euros para as empresas dos sectores mais afectados, bem como o pagamento de baixas a 100% aos trabalhadores que ficarem sob medidas de isolamento preventivo, por determinação das autoridades de saúde.

Também visando mitigar o impacto do coronavírus, os bancos portugueses estão a promover a utilização dos canais digitais, com a oferta de isenções. Além de reduzir a pressão relacionada com os seus créditos actuais, estão a oferecer, no caso das empresas, linhas de financiamento para fazerem face aos efeitos da Covid-19 sobre os negócios.

Economia/Política



FLUXOS MANTIVERAM-SE EXCLUSIVAMENTE NO PETRÓLEO

Trocas comerciais chino-angolanas reduzidas a zero

CRISE DO COVID-19. No mesmo período do ano passado, as compras angolanas ao gigante asiático foram de 300 milhões de dólares. Apesar do acentuado recuo, Câmara de Comércio Angola-China diz-se preparada para o período pós-pandemia.

Por Antunes Zongo

Desde o início do ano não houve qualquer fluxo comercial entre Angola e a China, excluindo a componente petrolífera, fez saber ao VALOR o presidente da Câmara de Comércio Angola-China (CAC), Arnaldo Calado, justificando a situação com as festividades do ano novo chinês, que ocorrem entre Janeiro e Fevereiro, e com a pandemia da Covid-19.

“Normalmente, por causa das festividades chinesas, as nossas actividades começam em Fevereiro, mas o surto iniciou antes mesmo de as festividades terminarem, daí então surgiram as restrições, quer de viagens, quer na relação entre os agentes comerciais”, explica Calado.

Segundo os registos dos serviços alfandegários da China, no mesmo período do ano passado, as trocas comerciais entre os dois países estavam avaliadas em mais de 4,7 mil milhões de dólares, 300 milhões dos quais correspondiam às compras angolanas.

Apesar do “momento difícil”, o responsável da CAC manifestou-se “confiante” quanto ao futuro e assegura estar montada uma estratégia para pós-pandemia.

O recuo nas trocas comerciais, precipitado também pela covid-19, já era previsível face à incapacidade dos estudiosos da medicina em criar um antídoto antes da propagação mundial. No início de Fevereiro, a par de alguns analistas, o embaixador da China em Luanda admitiu que o coronavírus “tinha tudo” para “afectar negativamente” as trocas entre Angola e a China, bem como com outros governos.

Entre outras, Gong Tao destacou, na altura, a importância comercial para os dois países, mas tendo deixado claro que a “prioridade era a de travar o vírus”, visando garantir a “segurança das pessoas”. À semelhança de Arnaldo Calado, Gog Tao manifestou-se “confiante” no futuro entre Angola e a China depois da pandemia.

MAIOR ORGANIZAÇÃO

Arnaldo Calado evita entrar em detalhes em relação às companhias com maior representatividade no fluxo comercial entre os dois países, considerando tratar-se de uma tarefa exclusiva do Governo. Mas promete, para o futuro, uma classificação das empresas, considerando a importância que cada uma ocupa nas trocas comerciais. “Depois de tudo isso, vamos também criar um modelo para aferir a qualidade das empresas, entre os maiores e menores contribuintes em relação às trocas comerciais, que serão classificadas em G5, G10 até G500. O grupo dos G5 representa os cinco mais ricos e sucessivamente”, detalha Arnaldo Calado, para quem nenhum Estado “deve abdicar da China”, por ser, em seu entender, “o país melhor intencionado nos investimentos” que faz em África.

Dados disponíveis indicam que, de Janeiro a Setembro do ano passado, Angola arrecadou 17,8 mil milhões de dólares com as exportações à China, tendo o gigante asiático encaixado 1,48 mil milhões de dólares com as importações angolanas. No global, as trocas comerciais atingiram 19,3 mil milhões de dólares.

O trigo, o arroz e roupa usada são os produtos mais importados por Angola do gigante asiático. O boletim estatístico do Conselho Nacional de Carregadores (CNC) de 2016, por exemplo, indica que Angola importou boa parte desses produtos da China, Portugal e da Coreia do Sul.

 LaLiga Santander
Experience



zap

GANHE UMA VIAGEM A BARCELONA



Carregue o pacote ZAP Max ou ZAP Premium, habilite-se a ganhar uma viagem em Maio para Barcelona com tudo pago e assista ao vivo o jogo FC Barcelona e RCD Espanyol.

QUANTO MAIS CARREGAR MAIS HIPÓTESES TEM DE GANHAR!

#LaLigaExperience

FC Barcelona  VS  RCD Espanyol



Obrigatório ter Passaporte válido.
Campanha válida de 15 de Fevereiro a 5 de Abril de 2020.
Consulte o regulamento no website, Facebook ou numa loja ZAP.

www.zap.co.ao

Mercados & Negócios



POR DIFICULDADES NA IMPORTAÇÃO DE ACESSÓRIOS

Ango Real despediu mais de 100 trabalhadores

TRANSPORTES. Empresa tem o futuro incerto. Pagamento de dívida por parte do Estado de mais de cinco milhões de dólares pode evitar mais despedimentos.

Por Isabel Dinis

A empresa privada de transporte rodoviário Ango Real despediu, até ao final do ano passado, mais de 100 funcionários por causa das dificuldades financeiras e operacionais e, este ano, pode voltar a reduzir o número que é de cerca de 500 trabalhadores.

Segundo o director para a área

técnica e operações da empresa, Daniel Leão, a suspensão dos trabalhadores seguiu os requisitos da Lei Geral do Trabalho. “Aquilo que é devido a empresa cumpriu e continua a cumprir neste momento com alguns salários em atraso. Os direitos estão salvaguardados e não há problemas neste aspecto”, garante.

A transportadora está a operar com apenas 35% da sua capacidade há mais de um ano, por causa de várias dificuldades, sendo o maior problema a “complexidade” para importar peças e acessórios da China. A aquisição

no mercado interno “não é a solução por causa da subida vertiginosa dos preços e pela falta de qualidade das peças”.

A empresa chegou a ter em circulação, para as viagens interprovinciais, cerca de 70 viaturas por dia. Hoje apenas funciona com 24. “Temos estado a gerir o assunto com base no mercado. Com algumas limitações. Não conseguimos fazer o que era ideal, que é manter o funcionamento normal e satisfazer a demanda”, justifica Daniel Leão.

Antes da dificuldade de acesso às divisas, explica o responsável, havia acessórios que custavam entre 50 e 70 mil kwanzas e hoje são encontrados em valores que chegam aos 200 mil kwanzas. “Isso não é possível para um órgão como o nosso. Não havendo a contrapartida de termos meios ou valores acessíveis

MEMORIZE

- **Antes da dificuldade de acesso às divisas, explica o responsável, havia acessórios que custavam entre 50 e 70 mil kwanzas e hoje são encontrados em valores que chegam aos 200 mil.**

em função das nossas necessidades, vai ser muito difícil mantermos a empresa”, desabafa.

ESTADO DEVE MAIS DE CINCO MILHÕES DE DÓLARES

O Estado deve à Ango Real mais de cinco milhões de dólares. A dívida tem mais de cinco anos e tem que ver com a disponibilização de meios para algumas empresas públicas, como a TCUL. “Como concessionários, na altura, for-

necemos viaturas para o Estado cuja situação ainda está em dívida pública. Se tivéssemos recebido esse valor, talvez conseguíssemos manter melhor a nossa frota funcional. Até hoje estamos à espera. Não recebemos o que devíamos receber”, lamenta, acrescentando que a situação criou “um vazio muito forte” na empresa.

AJUSTE DA TARIFA À ESPERA DA AVALIAÇÃO

O ajuste das tarifas das operadoras de transportes tem acontecido todos os anos. Em 2019, as operadoras não aumentaram os preços por causa da situação económica do país. “Os clientes não têm poder compra”, observa.

Para este ano, a Ango Real ainda não decidiu se mantém a tarifa ou se parte para um aumento. A decisão depende de um estudo ainda por realizar.



TRINTA EMPRESAS compõem o grupo dos primeiros mecenas registados pela AGT, segundo informação prestada pelos ministérios da Cultura e das Finanças. O BNI é a única instituição financeira bancária do grupo.

EM RESULTADO DA RECAPITALIZAÇÃO

BPC prevê regressar aos créditos depois de Abril

BANCA. Instituição não concede crédito desde 2016. Em 2018 a administração prometeu abertura para breve, mas apenas reiniciou o BPC Salário que, entretanto, regista reclamações por parte dos clientes.

Por César Silveira

O Banco de Poupança e Crédito, BPC, estima voltar a conceder créditos depois de Abril, altura em que deve estar concretizado o processo de recapitalização da instituição, apurou o VALOR junto de fonte da administração.

“O processo está a ser concluído, a parte administrativa está totalmente terminada. Portanto, faltam alguns pormenores, mas até final de Abril o banco deve estar recapitalizado e logo depois, voltaremos a conceder créditos porque agora, sem a recapitalização, não é possível. A taxa de incumprimento do BPC é de cerca de 90%”, detalhou.

Em relação ao montante a receber do Estado, a fonte não confirma se será a totalidade dos 1,08 mil milhões de kwanzas que têm sido apresentados como a necessidade de recapitalização da instituição.

“Tudo vai depender da disponibilidade, mas gostaria de deixar a questão referente ao montante para o momento exacto o que lhe posso garantir é que o processo está concluído para que a recapitalização aconteça em Abril”, refere.

A maior instituição bancária pública suspendeu a concessão de todo tipo de créditos em 2016 por força do alto nível do crédito mal parado. Mas em Agosto de 2018 reabriu a concessão do crédito BPC Salário, produto que permite

o adiantamento de 80% de um salário para os clientes que sejam trabalhadores por conta de outrem e que tenham os ordenados domiciliados na instituição.

O VALOR apurou, no entanto, de clientes e operadores do banco que, mesmo em relação a esse produto, tem havido muitos incumprimentos, visto que muitos clientes, apesar de terem visto os seus créditos aprovados, há vários meses continuam à esperar do carregamento das respectivas contas.

“É verdade. Não sabemos se é por falta de fundo ou é problema técnico, mas a verdade é que temos muitos clientes com o processo aprovado a esperarem pelo carregamento”, confirmou o responsável de um balcão. Fonte da direcção de crédito considera, entretanto, tratar-se de uma informação que não corresponde com a verdade.

Em relação ao regresso da con-

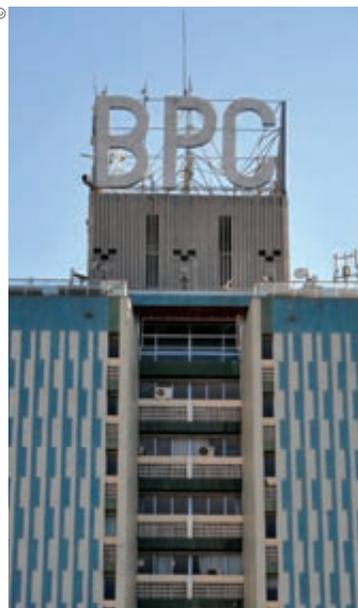
cessão dos créditos, não é a primeira vez que o banco promete, para um futuro breve. Fê-lo também em Abril de 2018. Na altura, era liderado por Alcides Safeca que deu a referida garantia, estimando que, naquele mês, a instituição seria recapitalizada com 180 mil milhões de kwanzas.

CRÉDITO DO BAD ENCALHADO

Outro produto de crédito disponível no BPC é o correspondente à linha do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) que está aberto deste Agosto de 2018, apesar de ter sido anunciado há cerca de quatro anos com o valor total de 325 milhões de dólares. Deste valor, a instituição bancária africana já disponibilizou 120 milhões que constituem a primeira tranche. Este valor, entretanto, está intacto nos cofres do BPC.

Nenhum projecto ainda foi contemplado “por falta de viabilidade” dos mesmos, segundo justificação apresentada pelo banco em várias ocasiões. Versão, entretanto, também varias vezes negada pelos empresários.

Em Setembro de 2018, por exemplo, o secretário da Federação das Associações Empresariais de Luanda (FAEL), José Ganga, manifestou, ao VALOR, descontentamento por supostamente o BPC ter feito exigências contrárias às regras do financiador. Acusou então o banco de obrigar os empresários a fazerem um depósito correspondente a 20% do valor solicitado. Na altura, o BPC negou a acusação.



PUB

Todas as segundas-feiras Angola tem mais...

PAÍS VIZINHO RECLAMA RECURSOS DA 'ZONA CONJUNTA'
RD Congo exige indemnização de 500 milhões USD a Angola

A AUTORIZAÇÃO unilateral da Sorangol à Chevron para a exploração de petróleo na 'Zona de Interesse Comum' está na base do conflito que já levou o presidente Joseph Kabila a 'varrer' do seu governo figuras 'favoráveis' a Angola. Pág. 14

PETROLEO
Potencial do onshore ignorado

Com os custos de produção de petróleo a rondarem os 35 dólares por barril, empresas listadas apostam para a exploração onshore, que tem custos de produção mais baixos que promove a criação de micro economias locais e de emprego. / produção onshore em Angola a marginal, abaixo dos 3%, com tratamento a rentabilidade mínima! 67% de todo o petróleo no mercado internacional é explorado onshore. Págs. 4-9

EM CAUSA A CRISE DE DIVISAS
Brasileiros querem conversão monetária entre real e kwanza

A Associação de Empresas Brasileiras em Angola (AEBRAN) é a autora de uma proposta que deve ser submetida ao governo brasileiro no sentido de aceitar com as autoridades angolanas, para que o taxa seja aceite em Angola e o kwanza no Brasil. Pág. 16

Luanda com seis novas centrais eléctricas

Empresa de Produção de Electricidade - PRODEL - adquiriu seis centrais de valor de 300 milhões de dólares, que prevêem abastecer mais de 600 mil residentes em Luanda. Pág. 18

CATIVACÃO DE DESPESAS MANTÉM PREVISÕES ECONÓMICAS
Governo descarta revisão imediata do OGE

A entrada do segundo trimestre, o valor do barril do petróleo mantém-se abaixo do preço fiscal inscrito no Orçamento Geral do Estado, mas fontes oficiais avançam que o Governo não admite, para já, a revisão do documento. Os cortes nas despesas de investimento não prioritárias são uma das explicações para a indisponibilidade do Governo em alterar as referências do OGE deste ano. Págs. 10-11

Moedas: **AZ** USD 160,9 x2 (+0,7) **EUR** 181,02x (+0,7) **LIBRA** 225,7 x2 (+0,3) **YUAN** 247,8 x2 (+0,0) **RAND** 16,5 x2 (+0,0)

Descarregue a App

Assinaturas:

assinaturas@gem.co.ao
comercial@gem.co.ao



GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA

Contactos comerciais: 941 784 791 - 941 784 792
Rua Fernão Mendes Pinto, nº 35, Alvalade, Luanda - Angola

Mercados & Negócios



“NÚMEROS EXPRESSIVOS”, SEGUNDO A EMPRESA

Belas Shopping factura perto de 1 milhão USD

RESULTADOS. Conjuntura económica não impacta de forma decisiva no desempenho do centro comercial, face a uma “gestão criativa”. Unidade coloca como meta a instalação de marcas internacionais com a ampliação e modernização do shopping que já consumiram 20 milhões de dólares.

Por Guilherme Francisco

A facturação do centro comercial Belas Shopping, em 2019, foi de aproximadamente um milhão de dólares, “números expressivos”, nas palavras de Uira Ribeiro, director-geral do empreendimento.

Confirmando que o ano passado “não foi pior” do que os exercícios anteriores, em termos de facturação e receitas, Ribeiro explica os resulta-

dos com o que considera “uma gestão mais inovadora”, sublinhando “o bom momento” do negócio. “Se não se procura criar novas atrações, cai-se na mesmice, os negócios tendem a não crescer. Temos procurado trazer novas marcas, criar novos espaços de lazer e dar mais alternativas aos nossos clientes”, acrescenta.

Sem planos de expansão por Luanda e pelo resto do país, “por ser ainda muito cedo”, a direcção do Belas Shopping diz não intimidar-se com a concorrência, mantendo-se, para já, concentrada na modernização e ampliação do centro, cuja primeira fase custou 20

20

Milhões de dólares é o valor investido no apetrechamento do shopping.

milhões de dólares, com a construção do primeiro piso onde estarão instaladas 19 lojas. A segunda fase será concluída dentro de cinco anos e permitirá a abertura de 40 novas lojas.

Com a expansão do espaço de

Talatona, o shopping projecta a entrada, no país, de marcas “bem posicionadas” a nível internacional, o que servirá de alternativa à deslocação de certo segmento de clientes ao exterior para a aquisição de bens e serviços.

Com 13 anos no mercado, o espaço comercial conta com 89 lojas, entre nacionais e internacionais, sendo o seu funcionamento assegurado por cerca de 300 trabalhadores, número que poderá crescer gradualmente com a ampliação em curso da unidade. O Belas Shopping é detido pelos investidores angolanos da Hogi, com 70%, e a Odebrecht, com 30% do capital.

EXPANSÃO

Dooh Ponto aposta em franquia

Com a ambição de se expandir em vários pontos do país, a empresa angolana de restauração Dooh Ponto entregou a quinta franquia, depois de ter feito a primeira no ano passado.

A empresa pretende se tornar a maior rede de hamburgueria do país, para o efeito, está engajada na implementação deste modelo de negócio não muito comum ainda em Angola. Permite empresários dispostos a investir, abrirem restaurante em qualquer ponto do país e até mesmo mundo, desde que cumpram com os procedimentos impostos. Recentemente abriu na cidade de Luanda a segunda franquia deste ano, avaliada em 25 milhões de kwanzas, fruto disso dezassete jovens beneficiaram de empregos.

Segundo o CEO e fundador, Heliverton Francisco, optou pelo modelo de negócio no sentido de proporcionar oportunidades a outros jovens investidores.

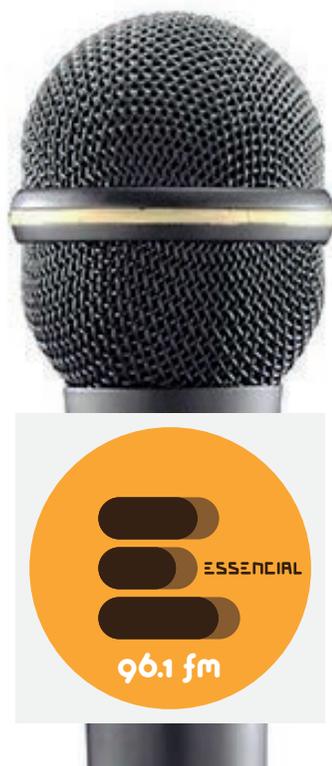
Na presente data, a empresa soma quatro franquias consolidadas, mais dez poderão abrir brevemente em Luanda.

Actualmente tem dez lojas espalhadas por Luanda, abre gradualmente o sistema ‘drive food’ em 68 postos de abastecimento da Pumangol espalhados pelo país, que no período de dois anos vai gerar mais de 1.700 postos de trabalho.



QUE É
ESSENCIAL
NOS DIAS
DE HOJE?

96.1 fm



(In)formalizando

UNIDADES FORAM REABERTAS NA ÚLTIMA SEMANA

Matadouros do Mercado do 30 exigem luz e água do Governo

CARNES. Gestores dos estabelecimentos apelam ao Governo a reconhecer os “próprios erros”. E explicam que recurso a fontes alternativas onera a actividade e impede melhorias nos espaços.

Por Antunes Zongo

Os proprietários dos estabelecimentos de abate de animal bovino no Mercado do 30, reabertos na semana passada, em Luanda, apelam às autoridades para que sejam criadas condições de fornecimento de água e energia da rede pública.

Os matadouros tinham sido fechados em Fevereiro deste ano por falta de condições higiénicas e sanitárias. A decisão de reabertura é justificada agora pelo Ministério do Comércio com o facto de os gestores dos espaços terem cumprido com as recomendações de “benfeitorias nos prazos estipulados”.

Boa parte dos matadouros encerrados não possuía casas de banho, água corrente, energia eléctrica, bem como material de biossegurança. E, apesar da confiança agora manifestada aos operadores, o Ministério adverte que as inspecções vão continuar, antecipando que os incumpridores das “normas básicas aceitáveis serão novamente sancionados”.

Ao VALOR, os gestores dos estabelecimentos queixam-se, no entanto, da falta de água e de energia eléctrica da rede pública e apelam ao Governo a reconhecer os “próprios erros”, ao invés de se fazer “passar por ignorante”, face à realidade.

Segundo os responsáveis, a busca da água e energia a agentes privados, associado aos custos com pessoal e impostos, “asfi-



xia a caixa” dos estabelecimentos, que se tornam “incapazes de realizar” obras de apetrechamento.

Por exemplo, Eurico Chipupa, gestor do matadouro Etu-Lene Comercial, garante que o seu estabelecimento consome 100 mil litros de água por semana, resultando em gastos de 140 mil kwanzas, dado que compra cada 20 mil litros a 28 mil kwanzas. “Apesar das dificuldades, estamos expectantes de que dias melhores virão. Do Governo, por ora não pedimos ajuda para créditos, mas apelamos que nos apoie em relação à água e à energia. Além disso, esperamos que o Executivo passe a abordar connosco, ouvindo as

MEMORIZE

● Boa parte dos matadouros encerrados não possuía casas de banho, água corrente, energia eléctrica, bem como material de biossegurança. E, apesar da confiança agora manifestada aos operadores, o Ministério adverte que as inspecções vão continuar.



30

Mil kwanzas é quanto pode custar 20 mil litros de água nos camiões-cisterna.

nossas preocupações, ao invés de, no imediato, partir para o encerramento dos estabelecimentos”, sublinha Eurico Chipupa.

Para o cumprimento das recomendações deixadas há duas semanas pelas equipas de inspecções da Saúde e do Comércio, o gestor diz ter recorrido a empréstimos, sendo que inves-

tiu dois milhões de kwanzas com a implementação de lâmpadas ultravioleta para combater as moscas no local, além da aplicação de um sistema de ventilação, pinturas, pavimentação, bem como a reparação do telhado.

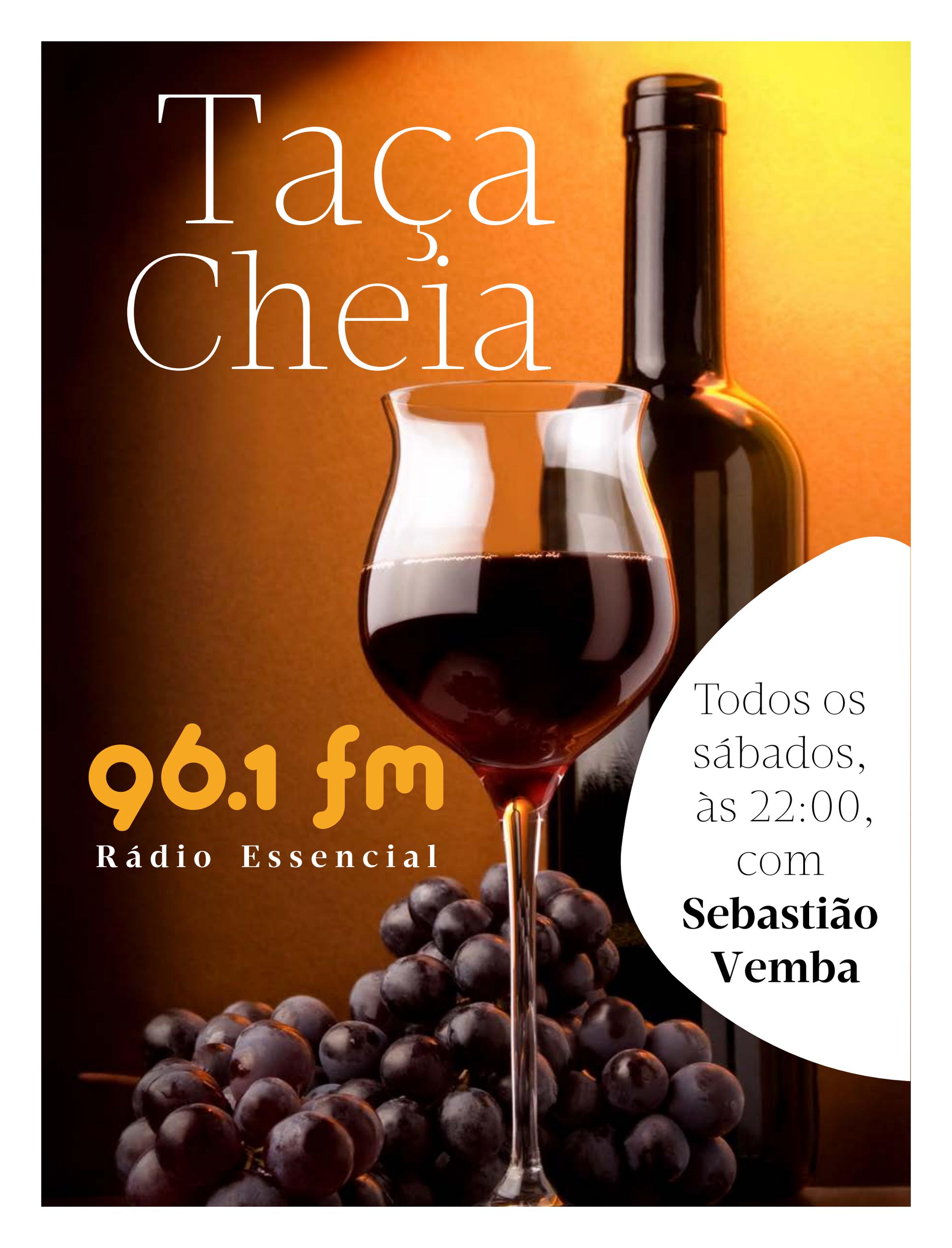
As queixas apresentadas por Eurico Chipupa são as mesmas que apoquentam outros gestores de matadouros do Mercado do 30. Carlos Alberto, por exemplo, responsável do matadouro do Grupo Álvaro Jamba, sublinha ter gastos superiores aos do Etu-Lene Comercial, por ter um estabelecimento maior, além de, por preferência, adquirir a água numa fonte cujo preço ronda entre os 29 mil e 30 mil kwanzas.

À semelhança de outros, no âmbito das recomendações, Carlos Alberto pavimentou o local, criou um sistema de ventilação, além de outros apetrechos, investindo acima de 1,2 milhões de kwanzas.

De acordo com os operadores, o modo “correcto para o abate” do animal é das regras “mais difíceis” de se cumprir, apesar de menos onerosa. O processo de abate exige que o animal seja pendurado sobre guinchos, mas os gestores alegam que as dimensões de muitos estabelecimentos não permitem a colocação de muitos guinchos, sendo que, na maioria das vezes, há mais animais por abater do que os guinchos existentes.

Para o abate do animal, os matadouros criaram um cartel fixando o preço a 10 mil kwanzas, sendo que, antes do encerramento, os preços variavam entre os cinco mil e 5.500 kwanzas, de acordo com a especificidade de cada estabelecimento.

Taça Cheia



96.1 fm

Rádio Essencial

Todos os
sábados,
às 22:00,
com
**Sebastião
Vemba**

DEJURE



Oly Ilunga, antigo ministro da Saúde da República Democrática do Congo

ANTIGO DIRIGENTE DA RDC CRIOU EMPRESAS FALSAS

Ex-ministro condenado por desviar fundos do ébola

VEREDICTO. Tribunal julgou antigo ministro da saúde e consultor financeiro por falsificarem recibos avaliados em mais de 391 mil dólares de uma empresa falsa, para justificar compras de produtos já pagos por doadores internacionais.

Por Redacção

O ex-ministro da saúde da República Democrática do Congo, Oly Ilunga, e o seu consultor financeiro foram condenados esta segunda-feira a cinco anos de trabalho forçado por desviarem mais de 400 mil dólares dos fundos de resposta do país ao ébola, segundo uma ordem judicial.

Oly Ilunga foi ministro da saúde por sete meses no auge da epidemia de ébola no Leste da RDC, que matou mais de 2.200 pessoas desde meados de 2018. A doença, que já está sob controlo, não apresenta novos casos há mais de um mês.

O presidente Felix Tshisekedi retirou-o da gestão da resposta ao ébola em Julho do ano passado e, dias depois, Ilunga renunciou ao

cargo, criticando as acções tomadas por Tshisekedi, tendo sido preso em Setembro.

Os advogados de Ilunga não responderam imediatamente a um pedido de comentário na segunda-feira, mas já haviam negado todas as alegações. O tribunal condenou Ilunga e o seu consultor financeiro por falsificar recibos no valor de 391.332 dólares de uma empresa falsa, conhecida como depósito farmacêutico New Sarah, para justifi-

car compras de produtos já pagos por doadores internacionais.

A dupla desviou outros 13 mil destinados ao pagamento de transporte de mercadorias para salvar vidas aos pontos críticos do ébola na República Democrática do Congo, concluiu o tribunal.

O julgamento marca a primeira vez em que um ministro do governo do ex-presidente Joseph Kabila é condenado por corrupção desde que Tshisekedi assumiu o poder no ano passado. Ilunga foi indicado por Kabila, mas permaneceu no cargo apenas por alguns meses, enquanto as negociações sobre o primeiro gabinete de Tshisekedi decorriam. A gestão de centenas de milhões de dólares investidos por doadores estrangeiros na resposta ao vírus do Ébola na RDC, o segundo mais mortal de todos os tempos, foi bastante questionada depois que o surto ganhou proporções alarmantes entre 2013 e 2016 na RDC.

13

Mil dólares, verba desviada que estava destinada ao pagamento de transporte de mercadorias para salvar vidas aos pontos críticos do ébola na RDC.

PREVENÇÃO CONTRA A COVID-19

Multas por desobediência podem rondar os 600 mil euros

A surto do coronavírus, também conhecido como Covid 19, está a forçar a que vários países adoptem medidas drásticas para poderem manter o controlo da pandemia que já ceifou a vida de quase 14 mil pessoas em todo o mundo.

As medidas vão desde a captação de imagens por videovigilância a pesadas multas. Na capital russa, por exemplo, as autoridades anunciaram penas de até cinco anos de prisão para todos os cidadãos que, tendo regressado da China, Coreia do Sul, Irão, França, Alemanha, Itália e Espanha ou que tenham sintomas do novo coronavírus, não façam uma quarentena obrigatória de 14 dias. A vigilância vai ser assegurada pelas forças de segurança através da análise de imagens recolhidas pelas câmaras de videovigilância espalhadas por toda a cidade.

Na Itália, o país com mais vítimas mortais devido ao novo coronavírus a seguir à China, a proibição de circulação é absoluta. Ou seja, são apenas permitidos movimentos excepcionais com justificações consideradas válidas. Mas, para as pessoas infectadas ou que tenham estado em contacto com pessoas contaminadas, foi-lhes imposta uma proibição total de mobilidade.

Noutros casos, qualquer cidadão que precise de sair de casa e se for abordado pela polícia tem de apresentar um documento e o agente tem de o assinar, caso considere a justificação aceitável. Se a pessoa não conseguir comprovar a veracidade da justificação, pode ser detida e condenada a uma pena até três meses de prisão por crimes contra a saúde pública.

Já em Espanha, a Guarda Civil vai proceder a uma vigilância discreta nos locais onde a maioria dos moradores está isolada, para verificar se a quarentena imposta está a ser respeitada.

O governo espanhol ameaçou aplicar multas que vão dos três mil aos 600 mil euros a quem não cumprir as ordens. No fim-de-semana, foi também decretado estado de alerta em Espanha, à semelhança de vários países europeus e africanos, onde os cidadãos que não cumpram as medidas podem incorrer em crime de desobediência e, no caso de elementos da autoridade ou funcionários públicos, pode significar a suspensão imediata no exercício dos seus cargos, como escreve o jornal El Mundo.

Em Nova Iorque, nos Estados Unidos, todas as pessoas que estiveram em contacto próximo com alguém infectado, ou que passaram recentemente pela China, Irão, Coreia do Sul ou Itália, estão obrigadas a estar de quarentena.



DESAFIO PARA TODOS OS EMPRESÁRIOS

Como gerir a ansiedade Covid

ESTRATÉGIA. A pandemia tomou conta de todas as agendas e os seus colegas e funcionários vão naturalmente nesta fase de reajustamentos, sentir muita ansiedade. Tendo o Covid19 instalado uma realidade em que temos todos de fazer esforços, tenha em conta estes cinco conselhos para implementar na gestão da sua empresa.



1 Tenha um plano e comunique-o de forma aberta – Não é expectável que se saiba o que fazer exactamente numa situação que é para todos nova, no entanto, os seus funcionários vão olhar para si em busca de direcções. Seja o comandante do barco que mantém todos a par da maré sem causar o pânico. Informe-se junto de fontes fidedignas e partilhe informação que vá ajudar a tranquilizar e acalmar os receios que se justificam.

2 Mostre empatia - demonstre capacidade de se por no lugar do seu funcionário, reconheça as suas dificuldades e ansiedades, disponibilize ajuda psicológica se a dimensão da sua empresa o justificar e mostre aos seus funcionários que a sua empresa mesmo estando a sofrer a pressão da crise, vai tudo fazer para manter postos de trabalho.

3 Reconheça que este não é um momento de 'business as usual' - longe da normalidade da actividade empresarial diária a pandemia do Covid19 exige novas lógicas que certamente vão criar ansiedade aos seus funcionários, lembre-os que são pessoas e por isso não dispensáveis apesar do momento duro para todos. Cancele todas as actividades não essenciais que exijam ajuntamentos e siga à risca as regras impostas pelas organizações públicas de saúde, dissemine-as entre o seu staff. E lembre-se vamos ultrapassar esta crise.

4 Compreenda - o stress causado pela incerteza e por um contexto de muitas dificuldades pode levar à ansiedade e depois ao pânico. Encoraje actividades domiciliárias de auto-gestão de stress como fazer pausas ou exercício e mantenha uma linha de diálogo que não permita isolamentos.

5 Transmita segurança - dê informações aos seus funcionários que de acordo com a Organização Mundial de Saúde, lhes mostre a importância do reforço do sistema imunitário, da manutenção do resguardo físico e da higiene. Faça-o de forma periódica de modo a que a informação circule e se torne segunda natureza.

Opiniões



A solidariedade exigida pelo Covid 19 e a incapacidade dos empresários



César Silveira,
Editor Executivo
Valor Económico

Nada mais resta senão desejar que o facto de o país ser dos últimos a contrair a pandemia não seja necessariamente também dos últimos a livrar-se dela. Mas pode ser que assim seja, pois há fortes indícios de que se usou mal o período de graça que nos foi concedido, não se aprendeu o suficiente com as primeiras vítimas internacionais. Não se aprendeu, por exemplo, que a quarentena era uma necessidade rígida e sem margens para negociações e muito menos solidariedade. Mas houve negociações e solidariedade com os passageiros do famoso voo proveniente de Portugal e o resultado mostra que se cometeu um erro grave.

Este erro surgiu de um outro, referente à demora do Governo em fechar as fronteiras, visto que a situação há muito apelava para a referida medida. Sorte diferente tiveram os estudantes angolanos na China, estes sim conhecerem a posição firme do Governo quando apelavam para que se criassem condições para o regresso ao país. A China ia isolada na convivência com a doença, hoje está a

recompor-se dos danos, enquanto por cá a saga vai no princípio.

Resta a responsabilidade individual no sentido de impedir-se a expansão dos vírus. Que a irresponsabilidade de alguns dos que regressaram de Lisboa naquele maldito dia 17 e, sobretudo dos responsáveis governamentais que geriram a situação com leviandade, fique mesmo por aí. E que as consequências sirvam de exemplo para todos e cada um dos que habitam Angola. É o que resta, assim como empenho e solidariedade.

Pena é que, por cá, contrariamente ao que acontece em muitas geografias, dificilmente se assistirá a desfiles de acções de solidariedade ou de responsabilidade social da classe empresarial, visto que a pandemia apanhou a classe de mãos atadas. Poucas serão as empresas e ou empresários com margem para doações ou contribuições.

Pelos resultados que são públicos, apenas as petrolíferas, os bancos e as empresas de telecomunicações, concretamente Unitel e Movitel, estão em condições de ajudar no que for necessário. Apesar do impacto negativo que tiveram com a implementação do Impostos Especial de Consumo, IEC, o sector das bebidas também se coloca entre os que podem auxiliar o Governo. E também umas poucas que, nos últimos anos, lideraram as escolhas do Governo na adjudicação de empreitadas como são os casos, por exemplo, da Omatapalo e algumas menos conhecidas.

Formação no Sector Segurador – Uma prioridade



Ricardo Vinagre,
Senior Manager
EY, Assurance
Services

Entre os muitos desafios que o sector segurador e dos fundos de pensões enfrenta em Angola, talvez um dos mais importantes e estruturantes para o futuro do mesmo é o da formação.

A formação é o pilar fundamental para o desenvolvimento de um país, de uma economia e, por consequência, também o é de um sector. O segurador, sendo um sector financeiro e com uma complexidade que tende a aumentar com o passar do tempo, pois Angola não fica, felizmente, imune à globalização e consequentemente aos avanços que os sectores sofrem para que se adaptem aos desafios que são cada vez maiores, mais exigentes e mais voláteis. Desta forma é fundamental que a entidade reguladora, as companhias de seguros, as sociedades gestoras de fundos de pensões, os mediadores e todos os intervenientes no sector segurador tenham mais e melhor formação, pois só assim poderão estar preparados para enfrentar os desafios futuros.

Embora o sector segurador em Angola ainda tenha de fazer um longo percurso para atingir níveis de maturidade comparáveis com outros mercados, a tendência natural é que o mercado faça um ajustamento para aquilo que são as melhores práticas internacionais, sendo que essa evolução acontecerá não só por uma evolução natural, na qual as pessoas e as empresas procuram diariamente



maiores níveis de eficiência e eficácia, mas também por uma questão de sobrevivência do próprio sector. As entidades que não acompanhem esta evolução não sobreviverão e será neste ponto em que às entidades que tiverem as pessoas com melhor formação e mais bem preparadas para fazer frente às exigências de um sector em transformação, assumirão cada vez um papel mais relevante e irão acabar por ocupar de forma natural o espaço daquelas que estão menos preparadas.

Com um sector segurador a ajustar às melhores práticas internacionais a expectativa é que também os modelos de governação das seguradoras se adaptem o que trará uma maior exigência e colocará uma enorme pressão sobre os recursos humanos, pois áreas como auditoria interna, compliance, risco, actuariado, assim como um upgrade necessário nas áreas de subscrição e gestão de sinistros serão determinantes. O regulador será naturalmente cada vez mais exigente e poderá vir a confirmar o fit and proper das estruturas.

Face à necessidade urgente de formação no mercado dos seguros, deve a entidade reguladora ter um papel interventivo e exigir que

funções-chaves nas estruturas das entidades tenham a formação e o currículo adequado para a função que desempenha. Existem disso exemplos concretos: no caso da área financeira o mercado evoluirá, por vários motivos, entre eles as exigências dos investidores internacionais, para o relato em IFRS, desta forma a função financeira deverá ser desenhada tendo por base a formação dos quadros nestes normativos, por outro lado uma função de gestão de risco e controlo interno, deverá ter cada vez mais por base a avaliação dos riscos assumidos pelas entidades, e os impactos desses riscos nos capitais próprios das seguradoras, assim como um aumento da exigências ao nível do controlo interno das entidades, como tal está função que é chave, deverá ser desenhada tendo por base os desafios que as melhores práticas internacionais trazem ao sector.

A necessidade de formação no sector segurador é urgente e será, entre outros factores, com a formação dos quadros que a seleção natural será feita, aqueles que anteciparam e se preparam melhor ocuparão naturalmente o espaço daqueles que não se adaptaram às transformações e exigências do sector.

“A contenção de uma pandemia requer o fortalecimento dos elos mais fracos – num hospital específico, numa comunidade local, num país ou no mundo.”

Uma estratégia pandémica tão global como a COVID-19



Erik Berglöv



O rasto de sofrimento que o COVID-19 está a deixar – desde mortes, sistemas imunológicos danificados e economias enfraquecidas – será mais grave para os que tiverem menos capacidade de se defender, a níveis comunitário e mundial. No entanto, é provável que esta onda de infecções seja apenas a primeira. À medida que o COVID-19 alcança países com instituições frágeis e sistemas de saúde débeis, um grande número de pessoas poderá morrer a curto prazo, incluindo muitos dos milhões de vulneráveis que vivem em campos de refugiados descontrolados e com poucos recursos. Além disso, o vírus poderá tornar-se endémico.

A cidade de Wuhan, China – onde o vírus surgiu pela primeira vez, mas as mortes e novas infecções estão agora a diminuir – está na semana 18-20 de uma epidemia de 20-22 semanas. O norte de Itália pode estar agora na semana 11-13 e o Reino Unido na semana 8-9. Os países vulneráveis de África e da América Central e do Sul, no entanto, estão na semana 1 a 5 – o início do seu ciclo epidémico.

A contenção de uma pandemia requer o fortalecimento dos elos mais fracos – num hospital específico, numa comunidade local, num país ou no mundo. É por isso que é do interesse de todos apoiar urgentemente os sistemas de saúde débeis, que têm de ter a capacidade de lidar não apenas com a enchente iminente de casos, mas também de estar preparados para futuras vagas de COVID-19 e de vírus semelhantes.

O coronavírus COVID-19 está a perturbar praticamente todos os aspectos da vida em todo o mundo. Os governos trabalham para proteger primeiro as suas próprias populações, fechando inclusive as respectivas fronteiras e impondo quarentenas e isolamentos. Mas, ao fazê-lo, não conseguem ver o panorama geral. Se o erro não for corrigido, vai voltar para nos assombrar a todos.

Esses esforços têm de ser rápidos e em larga escala, projectados para o pior cenário. Os responsáveis têm de utilizar evidências baseadas em investigações e enfrentar acentuadas curvas de aprendizagem. Não há espaço para ‘slogans’ vazios e intuições desleixadas. Os custos de uma resposta ambiciosa são insignificantes em comparação com os que ocorrem como resultado de hesita-

ções ou erros. O G20 deveria liderar na galvanização de medidas, como fez após a crise financeira global de 2008. Na sua cimeira de 2009, em Londres, o G20 uniu-se em torno de um plano de acção conjunto que envolveu as principais partes interessadas e garantiu que o sistema global continuava a operar. Actualmente, é necessária uma abordagem semelhante.

Para começar, uma estratégia global tem de apoiar o esforço para desenvolver e distribuir uma vacina. A pandemia do COVID-19 já provocou a troca mais rápida de conhecimento científico da história da humanidade, com jornais e revistas científicos a retirar acessos pagos relevantes.

Não há garantia de que uma vacina poderá ser encontrada – ainda temos de desenvolver uma para a constipação comum, que pode ser causada por outro coronavírus. Mas se alguma for desenvolvida, terá de ser produzida em massa e distribuída pelo mundo inteiro. Os esforços unilaterais como os do governo do presidente dos EUA, Donald Trump, – o qual, supostamente, tentou adquirir direitos exclusivos sobre qualquer vacina desenvolvida por uma empresa farmacêutica alemã – têm de ser combatidos.

Uma estratégia global eficaz também tem de incluir educação em saúde. Tal como o director-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, expressou na Conferência de Segurança de Munique do mês passado: “Não estamos apenas

a combater uma epidemia; estamos a lutar contra uma infodemia” – que pode ser tão perigosa como o próprio vírus, principalmente em países com instituições mais frágeis.

O foco actual na saúde oferece uma rara oportunidade de se investir neste tipo de educação. Para terem êxito, os governos do G20 precisam de escutar as organizações internacionais e trabalhar juntamente com elas – a começar pela OMS. Ultimamente, a OMS tem resistido a duras críticas, à semelhança do que ocorreu em epidemias passadas, mas grande parte desse diagnóstico de falhas é mal direccionada, mal informada e contraproducente. A OMS continua a ser a única instituição que pode propiciar uma liderança na saúde global e inspirar a confiança necessária para intervir. Estamos a prejudicá-la por nossa conta e risco.

Do ponto de vista económico, o Fundo Monetário Internacional (FMI) – que forneceu o tão necessário dinheiro durante a epidemia de Ébola na África Ocidental em 2014-16 – já prometeu disponibilizar cerca de 50 mil milhões de dólares através dos mecanismos de financiamento de emergência de desembolso rápido. O Banco Mundial, que tem um longo historial de apoio à saúde, anunciou um pacote inicial de até 12 mil milhões de dólares em apoio imediato para os países afectados.

Por último, os sectores privado e filantrópico têm de se juntar à luta. A instituição Wellcome Trust, juntamente com a Fundação Mastercard e a Fundação Bill & Melinda

Gates, já anunciaram o Acelerador Terapêutico COVID-19 – uma iniciativa de 125 milhões de dólares para identificar potenciais tratamentos para o vírus, acelerar o seu desenvolvimento e preparar para o fabrico de milhões de doses para uso mundial. As parcerias público-privadas – como a Coligação para Inovações de Preparação para Epidemias e a Gavi, a Aliança para Vacinas, que apoiam o desenvolvimento e a administração de vacinas, respectivamente – deveriam também ser activadas.

Mas existe uma grande lacuna de financiamento. O Conselho Global de Monitorização da Preparação solicitou, pelo menos, oito mil milhões de dólares em novos financiamentos imediatos, incluindo mil milhões de dólares para fortalecer a resposta de emergência e preparação da OMS, 250 milhões de dólares para medidas de vigilância e controlo, dois mil milhões de dólares para o desenvolvimento de vacinas, mil milhões de dólares para o fabrico, distribuição e entrega de vacinas e 1,5 mil milhões de dólares para medicamentos terapêuticos.

Os ministros das Finanças do G20 têm de fornecer os recursos necessários antes da próxima reunião agendada para Abril. O investimento necessário é mínimo em comparação com os custos sociais e económicos da inacção. Uma resposta conjunta eficaz poderia lançar as bases para um multilateralismo novo e mais ágil, que esteja bem mais equipado para lidar com os desafios globais futuros, desde as alterações climáticas até à próxima pandemia.

Os futuros historiadores vão julgar a nossa eficácia ao lidarmos com a pandemia do COVID-19. A menos que os líderes mundiais trabalhem juntos, o seu julgamento não será nada amável.

Director do Instituto de Assuntos Globais da Escola de Economia e Ciências Políticas de Londres, ex-economista-chefe do Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento

Covid-19



MEDIDAS DO GOVERNO

15 dias para travar o vírus

Escolas, universidades, igrejas e outros espaços que concentram grande número de pessoas suspendem, a partir de amanhã para tentar travar a pandemia da Covid-19, havendo também novas regras para entidades públicas e privadas.

O feriado que marca o Dia da Libertação da África Austral foi o dia escolhido para a entrada em vigor das medidas com que o país espera travar a doença, que incluem o fecho de fronteiras e a proibição de aglomerações públicas com mais de 200 pessoas.

Além da suspensão das aulas, muitas empresas decidiram privilegiar o teletrabalho, incluindo a petrolífera Sonangol. Vários bancos implementaram medidas extraordinárias de prevenção passando a fazer o atendimento de clientes à porta fechada.

As visitas a reclusos estarão interditas temporariamente. A política vai estar condicionada. A Assembleia Nacional decidiu, no dia 18 de Março, adiar as reuniões plenárias e partidos como a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e a Convergência Ampla de Salvação de Angola – Coligação Eleitoral (CASA-CE) reviram o seu calendário de actividades, adiando encontros, congressos e festejos.

Concertos cancelados e salas de cinemas e restaurantes encerrados são outras das consequências da epidemia.

POR CAUSA DOS ARRESTOS

Isabel dos Santos diz que está sem meios para ajudar no combate à Covid-19

empresária Isabel dos Santos declarou estar sem meios para ajudar Angola com alimentação e testes para a Covid-19, por causa do arresto das suas contas e empresas pela justiça.

Ao responder a um seguidor na rede social facebook, que sugeriu a empresária ajudar Angola no combate ao coronavírus com a doação de alimentação e testes como forma de mostrar o seu “amor pelo povo”, Isabel dos Santos respondeu que todo o seu dinheiro está em posse do Banco Nacional de Angola (BNA). “Até gostaria de poder comprar testes e oferecer, como fiz no passado com o surto da malária. Ofereci 100 mil kits de testes aos hospitais. Mas neste momento as minhas contas bancárias e empresas todas estão arrestadas e todo o dinheiro está na posse do BNA. Pelo que infelizmente não consigo ajudar. Se tivesse meios ajudava sim”.

A Justiça angolana decretou no final do ano passado o arresto preventivo de empresas e contas pessoais da empresária Isabel dos Santos e do seu marido Sindika Dokolo. A Procuradoria-Geral da República apontou irregularidades em negócios celebrados por ambos com o Estado.



DESDE O INÍCIO DO SURTO

Europa já gastou quase sete milhões de euros com repatriamento

A Comissão Europeia já alocou, desde o início do surto da covid-19 perto de sete milhões de euros para o repatriamento de cerca de 2mil cidadãos europeus em países estrangeiros, e pretende mobilizar mais “fundos adicionais”. Segundo o comissário europeu para a Gestão de Crises, Janez Lenarčič, em entrevista a agência Lusa, o executivo comunitário está a “apoiar os Estados-membros a coordenar as operações de assistência e repatriamento consular aos cidadãos da União Europeia [UE] em todo o mundo”. “Após os Estados-membros activarem o Mecanismo de Protecção Civil da UE, o nosso Centro de Coordenação de Resposta a Emergências articula-se com o Serviço Europeu de Acção Externa e com os Estados-membros nas capitais da UE”, para assim coordenar as acções de repatriamento, cujos custos de transporte podem ser co-financiados por Bruxelas até um máximo de 75%, precisa Janez Lenarčič.



CONSTRANGIMENTOS NO CENTRO DE QUARENTENA

Presidente da República substitui Sílvia Lutucuta na Comissão de Gestão da Covid-19

O Presidente da República, João Lourenço, indicou o ministro de Estado e Chefe da Casa de Segurança do Presidente da República, Pedro Sebastião, para coordenar a Comissão Intersectorial de Gestão das Medidas Contra a Expansão da Covid-19. Pedro Sebastião substitui assim a ministra da Saúde, Sílvia Lutucuta. Uma nota da Casa Civil do Presidente da República indica que a medida visa imprimir uma melhor organização a toda acção de prevenção e luta contra o novo coronavírus/Covid-19.

A decisão surge em função dos constrangimentos verificados no acolhimento dos cidadãos no Centro de Quarentena de Calumbo e da necessidade de se garantir que as pessoas tenham o acolhimento e acomodação adequados perante as circunstâncias excepcionais actuais. A composição da Comissão mantém-se inalterada, passando a coordenação adjunta para a Ministra de Estado para a Área Social, Carolina Cerqueira.

O GOVERNO PROVINCIAL DE BENGUELA ordenou a cessação de cortes de água domiciliar e de energia eléctrica, no âmbito das medidas de contenção e combate ao coronavírus, justificando a decisão com a necessidade de garantir a higienização pessoal e colectiva.



EM CASA

Ângela Merkel em quarentena

A chanceler alemã, Ângela Merkel, esteve em contacto com um médico que testou positivo para o novo coronavírus e “decidiu ficar imediatamente em quarentena” em casa.

O anúncio foi feito pelo porta-voz do governo alemão, Steffen Seibert. Ângela Merkel foi “informada que um médico que lhe tinha dado uma vacina contra infecções pneumocócicas na sexta-feira à tarde estava positivo” para o novo coronavírus, indicou Steffen Seibert num comunicado. O comunicado informa que a chanceler “será testada nos próximos dias” para saber se foi contagiada. Com 65 anos e à frente do governo alemão desde 2005, Ângela Merkel “prossequirá as suas actividades oficiais em quarentena no domicílio” em Berlim.

NO WHATSAPP

OMS lança serviço de ‘chat’ para partilhar conselhos

A Organização Mundial de Saúde (OMS) lançou um serviço de mensagens na rede social WhatsApp para manter as pessoas protegidas contra o novo coronavírus, com notícias e últimos dados sobre a pandemia.

Em comunicado a OMS informa que o serviço é fácil de usar e tem o potencial de atingir dois mil milhões de pessoas permitindo à instituição colocar directamente nas mãos das pessoas as informações que precisam. “Desde líderes governamentais a profissionais de saúde, familiares e amigos, este serviço de mensagens irá fornecer as últimas notícias e informações sobre o coronavírus, incluindo detalhes sobre os sintomas e como as pessoas podem se proteger e a outras pessoas”.

O ‘chat’ “também fornece os últimos relatórios e números da situação em tempo real para ajudar os tomadores de decisão do governo a proteger a saúde de suas populações”.

O serviço pode ser activado através de um link que abre uma conversa no WhatsApp. Os utilizadores podem simplesmente digitar “hi” para activar a conversa, solicitando um menu de opções que podem ajudar a responder perguntas sobre a Covid-19.



ALERTA CONSULTORA

COVID-19 pode obrigar Moçambique a rever orçamento

A consultora Economist Intelligence Unit (EIU) alertou que o orçamento de Moçambique para este ano terá de ter “alterações significativas” tendo em conta a pandemia da covid-19, que deverá abrandar a recuperação económica prevista.

Num comentário, enviado aos investidores e a que a agência Lusa teve acesso, os peritos da unidade de análise económica da revista britânica The Economist alertam que esperavam “que os esforços de reconstrução depois dos dois ciclones de 2019 continuassem a dominar as decisões de política este ano”. “Apesar de esses esforços se manterem, a reduzida colecta fiscal e o abrandamento da actividade económica vai abrandar o ritmo da recuperação”.

Na nota, os analistas chamam ainda a atenção para os atrasos na discussão e aprovação dos gastos para este ano, que “estão vários meses atrasados devido às eleições do ano passado”.

EM MAIS DE 50 PAÍSES

Mil milhões de pessoas obrigadas a estar em casa

Mais de mil milhões de pessoas em mais de 50 países ou territórios estão confinadas nas suas casas por ordem das autoridades para combater a propagação da Covid-19. Segundo um balanço avançado pela Agência Francesa de Notícias (AFP), pelo menos 34 países ou territórios determinaram contenção obrigatória das suas populações. Estão nesta situação casos como a França, a Itália, a Argentina, o estado da Califórnia, nos Estados Unidos, o Iraque ou o Ruanda e Grécia. Entram nesta lista outros países como a Colômbia e a Nova Zelândia que entrarão em confinamento obrigatório nesta terça-Feira e quarta-feira, respectivamente. O novo coronavírus, responsável pela pandemia da Covid-19, já infectou mais de 324 mil pessoas em todo o mundo, das quais mais de 14.300 morreram.

A doença surgiu na China, em Dezembro. O surto espalhou-se por todo o mundo, o que levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar uma situação de pandemia.

O continente europeu é aquele onde tem surgido o maior número de casos, com a Itália a ser o país do mundo com maior número de vítimas mortais, com 5.476 mortos em 59.138 casos. Segundo as autoridades italianas, 7.024 dos infectados já estão curados.

A China conta com um total de 81.054 casos, tendo sido registados 3.261 mortes. Os países mais afectados a seguir à Itália e à China são a Espanha, com 1.720 mortos em 28.572 infecções.

COVID-19

Deloitte freta avião para tirar funcionários de Angola



Consultora britânica Deloitte fretou um avião da companhia Euroatlantic para retirar funcionários da empresa e portugueses de Angola, informou o Consulado Geral de Portugal, em Luanda. Num correio electrónico a que o jornal português Expresso teve acesso, o Consulado dá conta que o custo da viagem é de 2300 euros por passageiro.

A notícia surge na sequência da suspensão de todos os voos de e para Angola a partir das 00h da sexta-feira passada.

Marcas & Estilos



RESTAURANTE

Entre tantos encantos...

O Parque Nacional da Quiçama pode ser um dos locais mais atractivos para se visitar. Está a pouco mais de uma hora de Luanda. É um espaço onde é possível avistar girafas, zebras, elefantes, impalas, veados, gnus, avestruzes e tantos outros encantos da fauna e flora locais. Os visitantes, com as regras a que estamos todos sujeitos, podem deliciar-se com os pratos típicos. A diversão pode começar com um delicioso passeio de barco pelo Rio Kwanza.

AUTOMÓVEL

Autonomia no luxo

O novo Porsche combina um motor eléctrico de 136 cavalos a um V6 3.0, resultando numa potência combinada. A nova transmissão automática Tiptronic S é a mesma adoptada em toda a família Cayennom. O híbrido acelera de zero a 100 km/h em 5 segundos e chega aos 253 km/h. Com electricidade, o veículo pode percorrer 44 km a 135 km/h. A bateria de iões de lítio pode ser carregada em até oito horas nos carregadores domésticos, e em cerca de duas ou três horas nas estações de recarga rápida.



Sensações discretas

Tirar fotografias com uma câmara Leica M-System dá-lhe uma sensação diferente. São rápidas, discretas, silenciosas e compactas, permitindo-lhe aproximar-se da acção.



Inspirações nipónicas

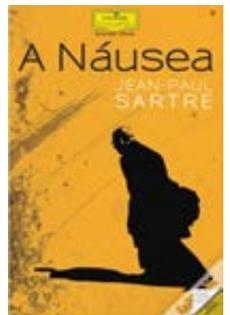
O Casaco Cruiser foi uma resposta aos clientes. Técnico e muito táctil, é raro e impermeável à água, ao vento, além de ser um óptimo repelente, inspirado nos tecidos japoneses.



Igual, impossível

Encontrar uma igual? Impossível! É uma óptima maneira de tornar a sua pasta diferente. Esta é a Hermes Kelly na versão que pode nunca ter visto antes.

LIVROS



A NÁUSEA, primeiro romance de Jean-Paul Sartre, foi honrada no seu aparecimento como escritor de grande talento. Através do diário diurno íntimo, Sartre explora o absurdo da condição humana, tema que mais tarde o tomaria num autor incontornável.



UM BELO DIA, a existência pacata de Joseph K., um bem-sucedido bancário, vê-se abalada quando três homens entram no quarto para o prenderem. Escrito em 1914, O Processo acabaria por ser editado apenas depois da morte de Franz Kafka, em 1925.

AGENDA

LUANDA

ATÉ 27 DE MAIO

Artista santomense René Tavares expõe 'Migrações e Coisas, Retalhos de uma História Só', na galeria do Banco Económico. A mostra pode ser visitada de segunda a sexta das 12 às 19 horas e aos sábados das 10 às 13 horas.

DE 5 A 8 DE JUNHO

O Ministério do Ambiente, em parceria com a Eventos Arena, apresenta a 7.ª edição da Feira Internacional de Tecnologias Ambientais, na Baía de Luanda.

DE 16 A 17 DE JUNHO

2.ª Edição do Angola Oil & Gas, no Centro de Convenções de Talatona. O evento visa a promoção e a atracção de investimento estrangeiro directo para o país.

DE 19 A 21 DE JUNHO

Feira da Banana (Feiba), na fazenda Novagrolider, em Caxito, no Dande. Evento prevê reunir todos os intervenientes ligados à produção e ao comércio da banana.

Educação & Tecnologia

MESSENE DIGITAL DEFENDE RACIONALIZAÇÃO DE RECURSOS

Aposta no mercado da formação online

EMPREENDEDORISMO. Plataforma reduz gastos avultados na formação e capacitação de funcionários de empresas públicas e privadas, garante Ary de Carvalho, director da empresa. Além de promover o auto-emprego.

Por Guilherme Francisco

A empresa criada por três jovens angolanos lança-se no mercado da formação online, criação e transformação de conteúdos digitais, ramo pouco explorado em Angola, cada vez mais necessitado devido às mudanças que o mundo observa fruto da tecnologia, factor imperioso para a actualização do conhecimento. Entretanto, perante a nova dinâmica, muitos não dispõem de tempo

para se fazerem presentes numa formação e refrescamento, e as empresas são obrigadas a despende avultadas verbas para manter o quadro de acordo com os desafios do mercado.

Para Ary de Carvalho, director da Messene Digital, essa realidade será invertida com o surgimento da plataforma, uma vez que facilitará o acesso a um universo de mais de 52 cursos de qualidade a preços, que considera “acessíveis”, permite às empresas economizar “boa parte do dinheiro aplicado na capacitação dos recursos humanos.”

“Há empresas espalhadas em várias zonas do país, como é o caso dos bancos, que ministram anualmente aos seus funcioná-

MEMORIZE

- A plataforma conta com a parceria de instituições portuguesas, americanas e nacionais, de entre as quais do Instituto Nacional do Emprego e de Formação Profissional (Inefop) na certificação de cursos.

rios 20 cursos. Caso tenham mil trabalhadores os gastos são onerosos, fica mais fácil fazerem o curso online – todos cursam ao mesmo tempo –, evitam-se gastos com deslocações, alimentação e acomodação”, aponta.

Assume o desafio de mudar a forma de pensar e dominar o

mercado, embora ainda o acesso à internet seja limitado, acredita no êxito porque muitos cidadãos têm acesso a computador, smartphones e tablets.

A plataforma conta com a parceria de instituições portuguesas, americanas e nacionais, de entre as quais do Instituto Nacional do Emprego e de Formação Profissional (Inefop) na certificação de cursos, dentro em breve estabelece com o Instituto Nacional da Aviação Civil (Inavic) para incluir na lista os ligados a aviação. Nesta primeira fase, está a facilitar o processo de formação online de quadros de 12 empresas, em matéria de Seguros.

Com a taxa de desemprego

acentuada, Ary de Carvalho explica que a plataforma é também um meio de auto-emprego, pois possibilita formadores de diversas áreas cadastrarem-se, ministrarem formação online no período à sua escolha. “A formação muda muito, estamos disponíveis para fazer parceria com formadores independentes, eles podem incluir os seus cursos, basta fazer chegar o conteúdo, e estipular o preço”, faz saber.

Até então, muitos angolanos recorriam às plataformas de formação online estrangeiras para fazer formação de curta duração. Por conta da crise, este número reduziu significativamente pelo facto de o pagamento ser efectuado por moeda estrangeira.



NÚMEROS DA SEMANA

500

Milhões USD, valor investido pelo BAD, para a implementação da primeira fase do Programa de Expansão e Eficiência do Sector de Energia (ESEEP-1) para o Centro e Sul do país.

30

Milhões de dólares mensais, montante gasto para a importação de 10 mil toneladas de óleo de palma.

5

Milhões de dólares, fundo disponibilizado pelo Banco Mundial para a realização do Recenseamento de Empresas e Estabelecimentos (REMPE 2019).

2000

Milhões e 100 milhões de kwanzas, investimento previsto pelo Estado para a terraplanagem de 200 quilómetros de estradas no município de Cuango, Lunda-Norte, no âmbito do Plano Integrado de Intervenção nos Municípios (PIIM).

SEGUNDO A MINISTRA DA SAÚDE

Angola segue instruções da OMS

A ministra da Saúde assegurou, em conferência de imprensa, realizada hoje, 23, que Angola está a seguir as instruções da Organização Mundial da Saúde, em matéria de combate à Covid-19.

Sem precisar se Angola está ou não em condições de fazer face ao coronavírus, Sílvia Lutucuta sublinhou que o Governo está a adequar as instruções à realidade nacional, tendo ainda observado que o vírus está a “dar uma lição” não só a países subdesenvolvidos, como também às superpotências.

“Já temos um centro de tratamento de referência, que é o centro da Barra do Kwanza, para o qual fizemos aquisição de 21 ventiladores, e estamos a mobilizar todas as unidades de referências, que têm áreas de cuidados intensivos e têm ventiladores, apesar de, para essa pandemia, estar provado que ninguém tem ventiladores em quantidades suficientes”, destaca a governante, que se diz expectante face às descobertas de fármacos anunciados na China e pelos Estados Unidos da América.

A governante conta que o país tem 463 viajantes em quarentena assintomáticos, e que dos 169 testes, três deram positivos.



Pré-pago com prejuízos de 33 milhões

Pelo menos, 4.327 contadores do sistema pré-pago de energia eléctrica foram vandalizados desde Janeiro pelos próprios consumidores da Ende-EP, no Lubango, causando prejuízos avaliados em 33 milhões de kwanzas. O porta-voz da empresa Wilson Haukelo disse à Angop que, desde 2016, a Ende instalou 23 mil e 116 contadores do sistema pré-pago nos municípios do Lubango, Matala, Chibia e Humpata.

Haukelo indicou que “os clientes da Ende desinstalam do aparelho e fizeram ligações directas, para evitar o pagamento do consumo”, acção que tem resultado em prejuízos à empresa em ter-

mos de arrecadação de receitas. Em face disso, a empresa abriu um processo-crime junto da Polícia de Investigação Criminal (PIC), para responsabilizar os autores do vandalismo. “A par disso, a Ende desenvolve um trabalho de localização e combate à vandalização de contadores, bem como da actualização dos dados dos clientes singulares e colectivos, no quadro da fiscalização de contadores pré-pago, para continuar a garantir a redução de perdas comerciais e a correcta facturação a todos clientes”, disse.

Na Huíla, a Ende prevê para este ano, instalar 13 mil e 415 contadores do sistema pré-pago, dos quais 759 serão montados no município de Quipungo. A província tem mais de 80 mil clientes.

Cabinda quer empresários para gerir resort

Quando muito se fala sobre a diversificação da economia e fomento do turismo, o maior centro turístico de Cabinda, localizado na comuna de Miconje, município de Belize, está em estado de abandono há precisamente dois anos. Segundo o administrador comunal de Miconje, Serafim Sema, primeira entidade gestora do empreendimento após a inauguração em 2011, a gestão foi entregue em 2018 ao empresário português Vicente Leitão. Este, por sua vez, abandonou sem prestar qualquer aviso

prévio ou esclarecimento à administração de Belize e ao Governo da província.

Com o empreendimento a ser tomado conta pela vegetação e animais selvagens, Serafim Sema apela aos empresários a apresentarem interesse na exploração do resort, visto que se encontra na floresta de Maiombe, principal local de atracção turística da província.

Dentro em breve, deu a conhecer o responsável, será aberto concurso público para se achar uma nova entidade capacitada para gerir o empreendimento turístico que contém seis suites, restaurante, piscina e quatro bangalows.

